

30- Musicoterapia e Formação Docente – Reconstruindo discursos na Educação. Sandra Rocha do Nascimento/GO¹ e Leomara Craveiro de Sá/GO²

RESUMO

Este trabalho apresenta o relato de uma experiência inovadora na formação continuada de professores, onde estruturamos a vivência denominada Memória Pedagógica Musical (NASCIMENTO e CRAVEIRO DE SÁ, 2008), numa proposta interdisciplinar entre as narrativas pedagógicas, da área da Educação, e a identidade sonoro-musical, da área da Musicoterapia. Os dados expostos evidenciam o alcance da vivência na prática docente, permitindo aos mesmos um despertar à consciência grupal, onde cada um se percebeu como co-responsável pela construção dos padrões e práticas educativas, compreendendo as inter-influências existentes entre suas ações cotidianas e a realidade social (SACRISTÁN, 1995).

Palavras-Chave: Musicoterapia na Educação; Formação docente; Memória Pedagógica Musical.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante relatar que algumas questões foram propulsoras de uma inquietação que nos fizeram propor novas formas de reflexão aos docentes. Dentre as mais inquietantes destacamos as seguintes: por que, apesar de tantas oportunidades de qualificação (e/ou capacitação e/ou formação continuada), ainda encontramos dificuldades na prática pedagógica, ocasionando queixas, às vezes infundáveis nos momentos de planejamento pedagógico, principalmente sobre a dinâmica ocorrida em sala de aula? Por que nossos conhecimentos acadêmicos 'parecem deficitários' para o enfrentamento do cotidiano escolar? Esses conhecimentos teóricos seriam modificados pelas nossas representações mentais (o que pensamos acerca das coisas)? Ou se modificaríamos por causa dos nossos comportamentos aprendidos em vivências anteriores? Considerar as situações vivenciadas como integrantes da nossa 'formação profissional' poderia ajudar na constituição de uma prática mais coesa e "segura"?

Com base nessas questões, propusemos uma experiência inovadora na formação continuada de professores, estruturando a vivência denominada Memória Pedagógica Musical que será explicitada no decorrer deste trabalho.

Sacristán (1995) enfatiza que a prática do professor é formatada a partir de diversos fatores, tanto internos (com base na sua constituição histórica, enquanto indivíduo) como externos (indo desde como age no campo social até aos multifatores que

¹ Musicoterapeuta, Coordenadora e Supervisora-clínica de estágio do Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas/UFG. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/FE/UFG E-mail: srochakanda@hotmail.com

² Doutora em Comunicação e Semiótica/PUC-SP; Professora-pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Música; Conselheira no Conselho Estadual de Educação do Estado de Goiás; Musicoterapeuta Clínica. E-mail: leomara.craveiro@gmail.com

configuram sua função social). Dessa forma, a prática educativa de cada professor, os "esquemas práticos" (as diversas ações realizadas na prática) constituem-se a partir de outras práticas que educam (como exemplo, a prática de educar crianças/filhos) ou até mesmo de práticas ligadas ao campo (como as políticas educacionais, as apropriações dos aspectos educativos por outros atores sociais, bem como das condições de trabalho do professor). Muitas vezes, essas diversas "práticas concorrentes" ocasionam em confusões na determinação ou definição das funções do professor que, na atualidade, é cobrado ao exercício de outras funções dentro do contexto escolar.

Para o autor, ainda existe um discurso dominante sobre a responsabilização da qualidade (ou não) da educação na figura e/ou prática do docente. Sacristán (1995) defende que precisamos perceber o princípio de "irresponsabilidade relativa dos docentes", ou seja, compreendermos a existência de muitos outros elementos que dificultam e/ou impedem a exercício da profissão.

Seguindo o pensamento do autor, percebemos que a prática do professor não é ingênua, ou seja, destituída de influências externas como as normas e regulações institucionais, o que torna o discurso sobre a "responsabilidade do professor" um equívoco, pois este é impactado por aspectos que vão além de suas ações no cotidiano escolar. Na mesma medida de 'inter-influências', consideramos que a prática educativa está enviesada por toda uma circunstancialidade de fatores, ou multifatores advindos de suas experiências pessoais passadas, bem como de suas representações mentais.

É fundamental o professor se perguntar sobre as bases, o 'alicerce', os aspectos intra-subjetivos e inter-relacionais presentes que tanto influenciam sua prática e compreensão sobre o mundo. No enfrentamento do cotidiano escolar, observa-se uma influência muito grande desses aspectos. Faz-se importante compreender quais "esquemas práticos" enquanto ações reiteradas, constituídas a partir de outras ações anteriormente vivenciadas, como afirma Sacristán (1999), realizam uma 'interlocução' com a teoria e a prática pedagógica.

Mediante tais premissas, propusemos, como possibilidade de modificação da prática docente, algumas experiências musicoterápicas vivenciadas no FIB/2008.³ Ao iniciar o mini-curso, os professores traziam, em suas expectativas, falas que enfatizavam a busca por técnicas para aplicar e/ou replicar no contexto da escola, ou seja, "aprender algo para fazer na escola". Percebo que essa expectativa, gerada a partir de uma questão presente na maioria dos cursos de formação, foi ouvida também neste evento: "Como eu levaria isso para a minha escola?" Pareceu-nos que os professores estão sempre em busca de estratégias, técnicas, modelos, 'tarefas' para re-utilizarem nas salas de aula, caracterizando uma dependência por referências externas ao direcionamento de sua prática pedagógica.

³ O mini-curso foi oferecido durante o Festival Internacional de Inverno de Brasília (FIB/UnB) nos anos de 2007 e 2008. O primeiro mini-curso, "Re-significando o ato pedagógico através da musicoterapia", foi realizado em 2007, com professores da rede pública do GDF; em 2008, foram oferecidos dois mini-cursos intitulados "Re-significando o ato escolar" e "Violência no espaço escolar: construindo alianças". Todos os mini-cursos foram estruturados e desenvolvidos pelas autoras, musicoterapeutas Prof^a Dr^a Leomara Craveiro de Sá e Prof^a Ms Sandra Rocha do Nascimento, ambas professoras vinculadas à Escola de Música e Artes Cênicas da UFG, contando com a participação das musicoterapeutas colaboradoras: Fernanda Valentin (mestranda – EMAC/UFG) e Andressa Toledo (musicoterapeuta do Hospital Psiquiátrico Eurípedes Barsanulfo – Goiânia/GO).

Diversas atividades vivenciais, dentro da abordagem musicoterápica, foram proporcionadas aos professores, sendo estruturadas a partir da técnica de Educação de Laboratório. A "Educação de Laboratório de Argirys (ARGIRYS apud MOSCOVICI, 1985) "visa, através de trabalhos e tarefas a serem desenvolvidas individualmente e/ou em grupo, trabalhar com situações bem próximas à realidade do mercado profissional, objetivando um maior equilíbrio emocional a partir da vivência de situações que podem vir a ocorrer no mercado de trabalho ao qual será integrado" (MARCHETI, FERRONI e OLIVEIRA, 2001).

Enquanto técnica, ela é utilizada por algumas empresas e organizações para a contratação de seus funcionários. Para Moscovici,

esta técnica possui como pressuposto de que é preciso viver e fazer.(...) A educação de laboratório é um termo genérico, aplicado a um conjunto de metodologia que visa mudanças pessoais a partir de aprendizagens baseadas em experiências diretas ou em vivenciais, muitas vezes chamadas de "dinâmicas de grupo. (...) A educação de laboratório tem como premissa de que vivenciando situações é possível um conhecer melhor de limites, preferências e características pessoais, possibilitando ao profissional atuar de forma diferenciada. A estratégia ao ser trabalhada conjuntamente com outras, além do aprimoramento técnico possibilita o desenvolvimento pessoal (MOSCOVICI, apud MARCHETI et. al., 2001)

Enquanto técnica, ela é utilizada por algumas empresas e organizações para a contratação de seus funcionários. Para Moscovici,

esta técnica possui como pressuposto de que é preciso viver e fazer.(...) A educação de laboratório é um termo genérico, aplicado a um conjunto de metodologia que visa mudanças pessoais a partir de aprendizagens baseadas em experiências diretas ou em vivenciais, muitas vezes chamadas de "dinâmicas de grupo. (...) A educação de laboratório tem como premissa de que vivenciando situações é possível um conhecer melhor de limites, preferências e características pessoais, possibilitando ao profissional atuar de forma diferenciada. A estratégia ao ser trabalhada conjuntamente com outras, além do aprimoramento técnico possibilita o desenvolvimento pessoal (MOSCOVICI, apud MARCHETI et. al., 2001)

As vivências musicoterápicas, através da Educação de Laboratório (ARGIRYS apud MOSCOVICI, 1985), iniciavam com as experiências musicais-musicoterápicas seguidas de reflexões que abordavam diversas temáticas, possibilitando, aos professores, conhecimentos e motivação que os levassem em busca de novos aportes teóricos ao entendimento da prática educativa.

O referencial de base da Educação foi sobre um estudo-investigação proposto por Cunha (1998), no qual apresenta as narrativas pessoais (e/ou memórias pedagógicas e/ou história de vida) como metodologia tanto para o ensino quanto para a pesquisa.

Segundo a autora (1998),

o professor constrói sua performance a partir de inúmeros referenciais. Entre elas estão sua história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência com o ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e no espaço. Provocar que ele organize narrativas destas referências é fazer-lo viver um processo profundamente pedagógico, onde sua condição existencial é o ponto de partida para a construção de seu desempenho na vida e na profissão. Através da narrativa ele vai descobrindo os significados que tem atribuído aos fatos que viveu e, assim, vai reconstruindo a compreensão que tem de si mesmo (p.41).

Cunha (1998) enfatiza o entendimento da narrativa como uma relação dialética entre discurso e experiência, ou seja, "assim como a experiência produz o discurso, este também produz a experiência"(p.40), proporcionando o exercício da disponibilidade do sujeito (no estudo, os professores) ao relato e análise crítica sobre si mesmo. A autora ressalta, ainda, que "é preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enfiadamente afetivos presentes na caminhada, a pôr em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a des-construir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo" (p.40).

Este fator, da disponibilidade dos professores, foi enfatizado e tornado consciente aos docentes do estudo piloto realizado no FIB/2008 como condição para participarem das atividades. Foi explicado que somente através do compromisso de envolvimento, primeiramente consigo mesmo e depois com o grupo, é que se torna possível realizar qualquer experiência transformadora.

Fundamentando nesse aporte teórico, é possível considerar que entre os aspectos ou referências que constituem as histórias de vida, temos a música ou as experiências musicais vivenciadas pelos indivíduos durante toda a sua trajetória pessoal.

Buscamos na Musicoterapia os elementos teóricos sobre a Identidade Sonoro-musical proposto pelo Dr. Rolando O. Benenzon, musicoterapeuta argentino. Segundo Benenzon (1985), a Identidade Sonora - ISO – é um

elemento fundamental tanto teórico como prático para a Musicoterapia", visto que reporta-se à existência de um som ou conjunto de sons que caracterizará a individualidade de cada pessoa. Ou seja, "é um fenômeno de som e movimento interno que resume nossos arquétipos sonoros, nossas vivências sonoras gestacionais intra-uterinas e nossas vivências sonoras de nascimento e infantis até nossas dias...é um som estruturado dentro de um mosaico sonoro, que por sua vez se estrutura com o tempo e que, fundamentalmente, encontra-se em perpétuo movimento (p.43).

Benenzon (1988) apresenta a classificação de 5 (cinco) tipos ou "estruturas dinâmicas" de ISOS ou Identidades Sonoras.⁴ Interessa-nos neste artigo, destacar sobre o ISO Gestático e o ISO Complementário, não desconsiderando a importância dos demais, mas por estarem mais próximos da temática que abordamos. A identificação dos ISOS se faz importante para compreender quais músicas e/ou experiências sonoras encontram-se vinculadas aos fatos vivenciados durante a história de vida da pessoa. Sendo assim, a música se configurará como elemento que retrata as representações dos indivíduos sobre os acontecimentos vivenciados, uma tela projetiva dos mesmos.

Estrutturamos a vivência denominada **Memória Pedagógica Musical**,⁵ numa proposta interdisciplinar entre as narrativas pedagógicas (CUNHA, 1998), da Educação, e a identidade sonoro-musical (BENZON, 1985; 1988), da Musicoterapia.

Expor toda a riqueza expressa durante a vivência não seria possível neste artigo, visto ser limitado em sua extensão. Porém, é possível enfatizar os resultados percebidos nos discursos dos próprios professores. No momento do processamento/feedback, 'escutamos': *"Esse momento foi um festival de emoções: me senti feliz por poder falar da minha vida e ser ouvida com atenção (voz e vez); me senti triste ao lembrar da adolescência sofrida que tive; senti muita saudade da infância; amei ouvir as histórias dos colegas"; "Foi muito bom refletir sobre a minha vida e a música que marcou cada período. Isso me faz compreender o porque que faço música e o porque das minhas escolhas musicais hoje"*.

⁴ Identidades Sonoras ou ISO: ISO Gestático (como dinâmica sonora estruturada desde à época gestacional, sendo "próprio e único desse indivíduo e não de outro" (p.40), ou seja, se constitui por aqueles sons e/ou músicas que se caracterizam específicos de cada indivíduo, a partir de suas experiências de vida), ISO Cultural (como "produto da configuração cultural global da qual o indivíduo e o seu grupo fazem parte" (p.34), isto é, os elementos sonoros pertencentes ao grupo em que o indivíduo encontra-se inserido), ISO Universal (como "estrutura dinâmica sonora, que caracteriza ou identifica todos os seres humanos, independentemente dos seus contextos sociais, culturais, históricos e psicofisiológicos" (p.35), isto é, aqueles sons que fazem parte da memória ou mosaico sonoro de todos os seres humanos, tais como exemplo o som do batimento cardíaco), ISO Complementário ou complementar (para designar a "estrutura dinâmica temporal (...) devido às pequenas mudanças que se produzem a cada dia, por efeito das circunstâncias ambientais específicas ou psicológicas do indivíduo" (p.36), isto é, aqueles sons que aparecem em determinados momentos da história de vida do indivíduo) e ISO Grupal (como "identidade sonora de um grupo humano, produto das afinidades musicais latentes, desenvolvida em cada um dos seus membros" (p.36).

⁵ Esta atividade foi estruturada, para o primeiro momento/ vivencial, da seguinte forma: iniciando com um aquecimento, tendo como objetivo rememorar os acontecimentos vivenciados que os levaram àquele momento presente, que os impulsionaram a participarem do curso. Logo após esta etapa de mobilização, foi dada a consigna para pegar uma folha de papel (disposta no centro da sala) e giz cera, escolhendo um lugar para se sentar. Solicitou-se que os professores desenhassem uma linha horizontal e marcassem sobre ela os fatos e acontecimentos significativos da trajetória de vida enquanto aluno e enquanto educador, procurando, na memória, uma música que tivesse relação com cada um dos acontecimentos vividos, escrevendo o nome dela ou um trecho da letra que viesse à memória. Após essa construção – desenhos e nomes ou letras de músicas -, todos posicionados em círculo, foi solicitado aos professores que cada um olhasse para o seu próprio "papel", em silêncio, procurando fazer contato com o que ali estava registrado e o que tudo aquilo representava para ele. A seguir, foi solicitado a cada um que apresentasse a sua produção ao grupo, socializando a sua "memória pedagógica musical", falando a respeito dos acontecimentos, dos sentimentos vivenciados e de suas músicas significativas, podendo cantá-las sozinho ou com a ajuda do grupo.

Percebemos a ocorrência de um despertar à consciência grupal, onde cada um percebeu-se como co-responsável pela construção dos padrões e práticas educativas, compreendendo as inter-influências existentes entre suas ações cotidianas e a realidade social (SACRISTÁN, 1995).

A interdisciplinaridade entre áreas pode trazer grandes benefícios por ocasião dos cursos de capacitação ou educação continuada. É possível perceber que a narrativa pedagógica e a história sonoro-musical, juntas, podem propiciar, aos professores em formação, a tomada de consciência sobre suas práticas. Escrever, falar, cantar sobre os fatos vividos são, na realidade, múltiplas formas expressivas que dizem do sujeito e de sua percepção sobre o mundo em que vive e (re)constrói a cada momento de sua vida.

REFERÊNCIAS

BENZON, O. Manual de Musicoterapia. (trad. Clementina Nastari), Rio de Janeiro: Enlivros, 1985.

_____. Teoria da Musicoterapia. (trad. Ana Sheila M. de Urcochea), São Paulo: Summus, 1988.

CUNHA, Maria Isabel da. O Professor Universitário na transição de paradigmas, 1ª ed., Araraquara: JM Editora, 1998.

MARCHETTI, Ana P.C, FERRONI, Márcia S.N., OLIVEIRA, Nelma S. S., Educação de laboratório - uma estratégia de ensino e aprendizagem alternativa para o desenvolvimento técnico e interpessoal, s/local, 2001.

MOSCOVICI, Fela. Desenvolvimento interpessoal. 3ª ed., Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1985.

SACRISTÁN, J. Gimeno.- Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). Profissão Professor. Porto: Porto Editora, 1995.